

# MADEIRA S.A.

PESQUISA TRAZ DADOS INÉDITOS  
SOBRE EMISSÕES DE CARBONO NA  
EXPLORAÇÃO MADEIREIRA NA AMAZÔNIA

Talvez a mesa de um escritório de luxo. Ou o assento de uma privada chique. A madeira amazônica – extraída legal ou ilegalmente – já conquistou diversos mercados pelo mundo afora. Essa riqueza bruta de nossa floresta equatorial tem sido matéria-prima para contendas políticas e ambientais que estão longe do fim. Desmatamento, biodiversidade, ciclo hidrológico, patrimônio genético... São infindáveis os temas em pauta. E um deles vem conquistando notória atenção: emissões de carbono. Em seu mestrado defendido na Universidade de São Paulo (USP), a arquiteta Érica Ferraz de Campos contabilizou que, para cada metro cúbico de madeira processada da Amazônia, algo entre 6,5 e 24,9 toneladas de dióxido de carbono (CO<sub>2</sub>) são lançadas à atmosfera. A estimativa é inédita. Pois Campos calculou as emissões de carbono ao longo de toda a cadeia produtiva da madeira – incluindo a derrubada das toras, o transporte às serrarias e a destinação aos centros consumidores.

Há ainda um agravante: toda a cadeia produtiva dessa indústria é baseada em combustível fóssil – principalmente o óleo diesel que alimenta a sede de máquinas como motosserras, tratores e caminhões (importante lembrar que essa dependência não é exclusividade do setor madeireiro; atire a primeira pedra o setor econômico que depende do petróleo para existir). “As emissões de CO<sub>2</sub> da ma-

deira amazônica, mesmo em caso de exploração legal, não podem ser desprezadas”, diz Campos. “Estimamos que essa atividade respondeu por 3,5% a 13,1% do total de emissões brasileiras em 2005.”

Dado que chama a atenção é o altíssimo nível de resíduos que sobram a partir das toras derrubadas floresta abaixo. Explica-se: para cada 100 toneladas de madeira bruta, em média, apenas 11 são aproveitadas para o mercado, enquanto 16 são resíduos de processamento (pedaços, cascas, pó de serragem) e 73 apodrecem na própria floresta (árvores mortas, tocos, galhos, enfim, pedaços inúteis para o comércio). “Há claramente um desperdício do potencial do produto”, garante a pesquisadora da USP.

**PREDUÇÃO EM NÚMEROS** Campos acredita que a exploração de madeira amazônica ainda acontece predominantemente de forma ilegal – e por isso é difícil dispor de estatísticas transparentes. Em recente artigo, o engenheiro florestal Alexandre Almeida, da Universidade de Brasília, não traz melhores notícias: “A maior parte da produção madeireira da Amazônia é considerada predatória ou oriunda de desmatamento”. Ainda segundo o pesquisador, “a produção dita ‘sustentável’ advém, em grande parte, de planos de manejo deficientes”.

Em 2010, o Serviço Florestal Brasileiro (SFB), em parceria com o do

Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (Imazon), lançou o relatório “A atividade madeireira na Amazônia brasileira: produção, receita e mercados”. É o mais completo levantamento já feito sobre a atividade madeireira na região. Os dados mostram que as principais zonas de exploração concentram-se em três estados: Pará, Mato Grosso e Rondônia.

Em 2009, foram arrancados da Amazônia 14 milhões de m<sup>3</sup> de madeira em tora. Receita aproximada: R\$ 5 bilhões. Segundo o relatório, esse número é resultado de uma “forte retração na produção madeireira da Amazônia Legal”. Pois, antes da década de 2000, chegava-se com facilidade à casa dos 30 milhões de m<sup>3</sup> anuais. O estudo aponta três fatores para explicar essa redução: melhora dos mecanismos de monitoramento e fiscalização ambiental, substituição de madeira nativa por madeira de reflorestamento, e redução das exportações em função da crise econômica mundial. Falando em exportações, destaca-se hoje que os grandes consumidores da madeira amazônica são os próprios brasileiros (79%). O estado de São Paulo é o maior ‘cliente’. A Amazônia é a terceira principal região produtora de madeira tropical do mundo – atrás apenas de Malásia e Indonésia.

HENRIQUE KUGLER | CIÊNCIA HOJE | RJ